

Fernando Pessoa: criador de mitos

Cláudia Souza*

RESUMO:

Pretendemos neste artigo aproximar o processo de criação literária de Fernando Pessoa da ideia de uma nova mitologia apresentada por F. Schlegel no texto “Conversa sobre a Poesia”. Através da análise de textos deixados por Fernando Pessoa no seu espólio, da poesia de Caeiro e dos textos de Ricardo Reis sobre a obra de Caeiro, mostraremos como uma faceta da obra pessoana acaba por cumprir algumas propostas do romantismo alemão.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Friedrich Schlegel. Mitologia. Romantismo alemão

O tédio... Quem tem Deuses nunca tem tédio. O tédio é uma falta de mitologia. A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem força para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade. (Bernardo Soares – Livro do Desassossego)

Em um texto intitulado *Aspectos*, Fernando Pessoa se denomina um criador de mitos: “Desejo ser um creador de mythos, que é o mysterio mais alto que pode obrar alguém da humanidade”.

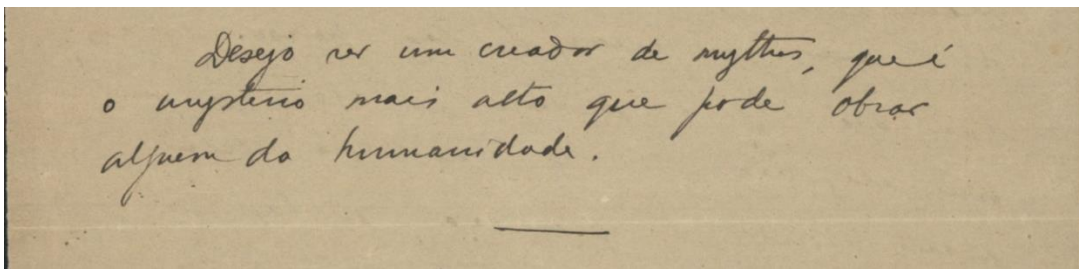


Figura 1 – Acervo Biblioteca Nacional de Portugal [BNP/E3-20-73].

Aspectos é um projeto presente no espólio pessoano que envolveria a publicação de uma coleção ou série de livros, no qual o autor português deixa explícito o desejo de publicar as seguintes obras:

“Aspectos”

Prefácio geral

1. Alberto Caeiro (1889-1915) – “O Guardador de Rebanhos” e outros fragmentos.
2. Ricardo Reis: “Odes”.
3. António Mora: “Alberto Caeiro e a renovação do paganismo”.
4. Álvaro de Campos: “Arco de Triunfo”, Poemas.
5. Vicente Guedes: “Livro do Desasocego”.

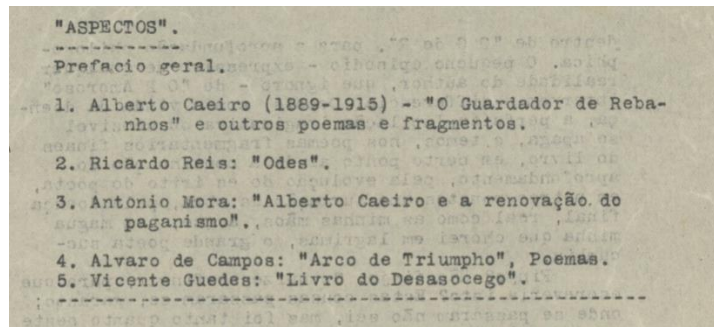


Figura 2 – Acervo Biblioteca Nacional de Portugal [BNP/E3-48C-29c].

É interessante observar que o desejo pessoano de criar mitos se relaciona com a obra de seus heterônimos e de suas personalidades literáriasⁱⁱ. É preciso também chamar a atenção para a obra que levaria a assinatura de António Mora: *Alberto Caeiro e a renovação do paganismo*. Essa obra aponta para um duplo movimento de reflexão: pessoa se desdobra em outro eu, António Mora que pretende se curvar sobre a obra de Caeiro que remete ao paganismo. O movimento reflexivo ocupa um lugar central no espaço literário pessoano, gerando uma multiplicidade. E essa multiplicidade, tanto de autores (Fernando Pessoa se desdobra em outros eus), como de estilos (cada outro eu pessoano possui seu próprio estilo), revela o caráter dramático da criação literária pessoana, assumido pelo próprio Pessoa, ainda na introdução de *Aspectos*:

A obra complexa, cujo primeiro volume é este, é de substancia dramatica, embora de forma varia – aqui de trechos em prosa, em outros livros de poemas ou de philosophias.

É, não sei se um privilegio se uma doença, a constituição mental que a produz. O certo, porém, é que o author d'estas linhas – não sei bem se o author d'estes livros – nunca teve uma só personalidade, nem pensou nunca, nem sentiu, senão dramaticamente, isto é, numa pessoa, ou personalidade, supposta, que mais propriamente do que elle proprio pudesse ter esses sentimentos.

Ha autores que escrevem dramas e novellas; e nesses dramas e nessas novellas atribuem sentimentos e idéas ás figuras, que as povoam, que muitas vezes se indignam que sejam tomados por sentimentos seus, ou idéas suas. Aqui a substancia é a mesma, embora a fórma seja diversa.

A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez d'esta personalidade um author, com um livro, ou livros, com as idéas, as emoções, e a arte dos quais, ele, o author real (ou porventura apparente, porque não sabemos o que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevel-as, o médium de figuras que elle-proprio creou [BNP/E3-20-70-72].

Neste trecho fica evidente que Fernando Pessoa tinha clareza de que a dramaticidade da sua obra era oriunda de espaço dramático interior. Poderíamos aqui relacionar esse desdobramento pessoano com a noção de gênio presente no romantismo alemão de F. Schlegel e Novalis: “O gênio, diz Schlegel, é uma coletividade interior, uma comunidade interna legalmente livre de muitos talentos, ou como diz Novalis, uma pessoa

genuinamente sintética que é ao mesmo tempo mais pessoas” (SUZUKI, 1998. p. 235). Essa questão, no entanto, já exploramos em outro estudoⁱⁱⁱ e aqui nos interessa sobretudo a relação entre Pessoa e seus outros eus e a proposta feita por F. Schlegel para o renascimento de uma poesia através do mito, exposta em *Conversa sobre a poesia*.

Na parte do texto de F. Schlegel intitulada “Discurso sobre a mitologia”, o autor romântico afirma que falta um centro na poesia de sua época:

Vou direto ao ponto. Afirmando que falta um centro a nossa poesia, como a mitologia o foi para os antigos, e de todo o essencial daquilo em que a poesia moderna fica atrás da poesia dos antigos pode ser resumido nas seguintes palavras: nós não temos uma mitologia. Mas, acrescento, estamos bem próximos de ter uma, ou melhor, é chegado o momento de cooperar seriamente para produzi-la (SCHLEGEL, s/d, p. 24).

F. Schlegel^{iv} faz referência aos gregos e seu processo criativo, que se encontrava imerso na religião, na mitologia, originando uma poesia mais sentimental (no sentido mais elevado do termo) e menos racional, pois na Grécia o indivíduo estava ligado ao todo e esse todo englobava também a Natureza. Essa nova mitologia seria, agora, individual:

A nova mitologia, ao contrário, tem de ser formada e extraída da mais funda profundidade do espírito; ela tem de ser a mais artificial de todas as obras de arte, pois deve abranger todas as outras, um novo leito e receptáculo para a antiga e eterna fonte original da poesia, sendo ela também o poema infinito, que guarda os germes de todos os outros poemas (SCHLEGEL, s/d, p. 24).

E não será a expressão desta profundidade do espírito que encontramos na obra pessoana? Sobretudo na sua despersonalização? O próprio Pessoa afirma, como vimos no início deste artigo, que a sua obra é oriunda da sua dramaticidade interior. Pessoa cria uma mitologia com a sua obra e parece ter clareza sobre esse aspecto quando escreve que deseja ser um *creador de mythos*. Assim como Shakespeare, Cervantes e Goethe criaram todo um espaço mítico através das suas obras, Pessoa também realizou esse feito, sobretudo na produção da sua obra heteronímica. Não é em vão que a poesia de Caeiro, o mestre de todos os outros heterônimos pessoanos, se encontra diretamente relacionada com a reconstrução do paganismo. Essa questão do paganismo fica evidente tanto no projeto que seria desenvolvido pela personalidade literária, António Mora (como mostramos anteriormente na lista do projeto pessoano *Aspectos*, onde Mora seria o responsável pelo livro: *Alberto Caeiro e a renovação do paganismo*), quanto neste outro texto assinado pelo heterônimo por Ricardo Reis:

A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nelle e porisso o não pensaram, o puderam fazer. A obra, porém, e o seu paganismo, não foram nem pensados nem até sentidos: foram vindos com o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão. Dizer mais fora explicar, o que de nada serve; afirmar menos fora mentir. Toda obra falla por si, com a voz que lhe é propria, e naquella linguagem em que se forma na mente, quem não entende não pode entender, e não ha pois que explicar-lhe. É como fazer comprehender a alguém um idioma que ele não falla [BNP/E3-21-73].

Em muitos textos Ricardo Reis vai explorar a questão da reconstrução do paganismo na obra do Caeiro, criador de uma poesia pagã, livre do peso do cristianismo, poesia diretamente ligada à essência do paganismo. Importante ressaltar que se trata de uma essência à qual nem os gregos nem os romanos tiveram acesso. Parece se referir a uma reconstrução que envolve a criação de um novo espaço mitológico. Espaço que funcionará como eixo para a poesia de Caeiro, central também no que diz respeito à interação entre os heterônimos. Esses textos são muito relevantes para o desenvolvimento da nossa pesquisa porque revelam não somente a relação entre Pessoa e a criação de mitos, cumprindo a proposta de F. Schlegel em seu texto *Conversa sobre a Poesia*, como também outro aspecto importante, a oficina/laboratório do artista. Ao mesmo tempo em que Reis afirma a presença do paganismo na obra de Caeiro, um novo espaço mitológico está sendo criado na obra pessoana: não é Caeiro, nem Pessoa quem está afirmando esse ponto, e sim um outro eu, com outro estilo, outra biografia que se coloca e se desenha a partir do desdobramento causado pela obra de arte, ou seja, o Reis da prosa surge a partir da reflexão (termo tão caro aos românticos) sobre a obra de Caeiro. Mas Alberto Caeiro e Ricardo Reis, quem são? São, juntamente com Pessoa, Álvaro de Campos e António Mora, os fundadores de uma mitologia pessoana, que surge das profundezas do espírito, da essência do gênio (que é uma pessoa coletiva, segundo F. Schlegel e Novalis). E o autor português ao criar toda essa nova imagética literária, mostra ao leitor o seu labor artístico. Pessoa através da sua reflexão literária se desdobra em outro eu, Ricardo Reis, que além de poeta, com estilo e biografia próprios, reflete sobre o tecer poético de outro eu pessoano, Alberto Caeiro, que por sua vez é analisado por Reis como criador de uma poesia capaz de reconstruir o paganismo, não o grego, nem o romano, o paganismo próprio de Caeiro. Há todo um jogo de espelhos, uma abertura de novo espaço literário, uma constituição de uma nova mitologia. Mitologia que se encontra de acordo com a pós-modernidade: a unidade cede lugar à multiplicidade, os deuses já não se fazem mais presentes – como outrora, o homem é o centro dele mesmo, mas um homem fragmentado, que se desdobra, que se reinventa através da obra de arte, da reflexão, da multiplicidade:

Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando fallo com sinceridade não sei com que sinceridade fallo. Sou (~~outros~~) variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).

Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpetua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um character que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me multiplo. Sou como um quarto com inumeros espelhos fantasticos que torcem para reflexões falsas uma única central realidade que não está em nenhum e está em todas.

Como o panteista se sente onda e astro e flor, eu sinto-me varios seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, individuado por uma suma de não-eus syntetizados num eu (~~postico~~) postico.

Não sei quem sou, que além tudo.

Quando falto com misericórdia não sei
com que misericórdia falto. Sou ~~este~~
momento dentro do que sou ou pe-
ra do espírito, (ou nos outros).

Sinto coisas que não tenho - talvez
me auso que apuro. A minha
pequena alma, esta minha pequena
alma está se apurando talvez
e além a um caráter que talvez
eu não tenho, nem elle já se
eu tenho.

Sinto-me múltiplo. E Sou como
um poeta com inúmeros outros
fructos que talvez pareça apuro
mas como um único autor não se
pode dizer que sou um e não sou dois.

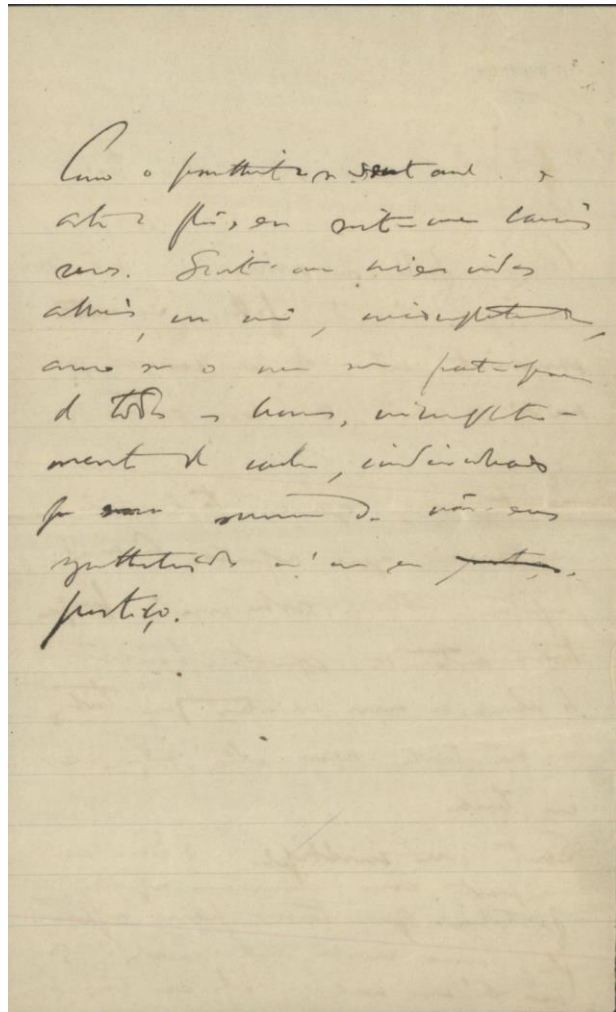


Figura 3 – Acervo Biblioteca Nacional de Portugal [BNP/E3-20-67]

A nova mitologia literária pessoana surge a partir de um espaço múltiplo, estilhaçado, de inúmeros espelhos que refletem imagens que de alguma forma se encaixam, como é o caso das obras de Reis, Caeiro e Campos, que dialogam, que dentro da sua diversidade encontram um desenho de uma possível unidade, que já carrega em si o significado de algo fechado. Não se trata de uma unidade harmônica, mas de uma unidade múltipla, paradoxalmente múltipla, possível apenas no campo estético. A profundidade do espírito pessoano está em consonância com o mundo pós-moderno, em que reina o desencontro do homem com ele mesmo, onde o eu perdeu a sua essência platônica. Pessoa no seu laboratório literário transforma esse desencontro com a unidade num espaço onde a multiplicidade provoca um movimento entre vozes e textos em que o leitor pode encontrar um centro da literatura pessoana, que é sempre múltiplo. Como por exemplo, a possível unidade entre Caeiro-Campos-Reis, são três heterônimos, com uma obra e estilos distintos, que, no entanto, se conhecem, se influenciam, dentro da diversidade mitológica criada por Pessoa. Há um encontro entre esses *não-eus sintetizados*. Reis e Campos são discípulos de Caeiro. O próprio *eu-postiço*, ou seja, Pessoa, também é discípulo de Caeiro. O centro da heteronímia pessoana é então Alberto Caeiro, reconstrutor do paganismo. É a sua poesia

pagã que vai de alguma forma centralizar toda a problemática da despersonalização pessoana. Os espelhos continuam emitindo imagens retorcidas através dos textos deixados por Campos e Reis e, principalmente, através do suposto eu, criador de toda essa mitologia, que também entra no jogo literário, ou seja: Pessoa não só cria esses outros eus, ou *não-eus*, como também coloca o seu eu como periférico, como podemos constatar nestes dois textos^v:

Sou, porém, menos real que os outros, menos coeso, menos pessoal, eminentemente influenciável por eles todos. Sou também discípulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia – 13 de Março de 1914 – quando, tendo ouvido pela primeira vez (isto é, tendo acabado de escrever, de um só hausto do espírito), grande número dos primeiros poemas do *Guardador de Rebanhos*, imediatamente escrevi, a fio, os seis poemas-intersecções que compõem a *Chuva Obliqua* (Orpheu 2), manifesto e lógico resultado da influência de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa (PESSOA, 1966, p.101).

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo de Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis).

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, espécie complicada, e apresentá-lo, já não me lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta e nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei outro papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva Obliqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro (PESSOA, 1986, p.199).

É interessante observar nos dois textos que Pessoa coloca Caeiro como centro da sua literatura. O autor português se auto-denomina menos real, menos coeso, do que seus três heterônimos. Alberto Caeiro seria também o seu mestre. Diante da análise da construção deste espaço heteronímico, uma nova mitologia se revela, e toda a obra pessoana é vista a partir deste centro. Quando um estudioso reflete sobre Fernando Pessoa, reflete imediatamente sobre o seu desdobramento, sobre uma mitologia criada a partir da fragmentação, oriunda das profundezas do espírito. A literatura pessoana cumpre de certa maneira a proposta apresentada por F. Schlegel na *Conversa sobre poesia*, a criação de um novo espaço mitológico individual. Ou seja, dentro do espaço literário pessoano, encontramos uma mitologia, com personagens que se movimentam criando um novo tipo de poesia, uma poesia pagã, a de Caeiro, lida e comentada por outros eus pessoanos, como Campos, Reis e Mora e inclusive pelo próprio Pessoa. É interessante perceber que esse

Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 57-67, jul./dez. 2014

diálogo entre as personalidades literárias pessoas remete a uma outra questão também proposta pelos primeiros românticos alemães, a sinfilosofia, e a simpoesia, o filosofar e poetar em conjunto, como fica claro neste fragmento de F. Schlegel na revista Athenäum:

Uma época nova das ciências e artes começaria talvez quando a sinfilosofia e a simpoesia tivessem tornado tão universais e tão interiores, que já não seria nada raro se algumas naturezas que se complementam reciprocamente constituíssem obras em conjunto (SCHLEGEL, 1997, p.67).

Analisando também essa perspectiva, Pessoa cumpriu outro aspecto proposto pelos irmãos Schlegel e por Novalis, pois a filosofia pagã de Alberto Caeiro acontece através do diálogo, da interação, que possibilita a reflexão sobre o paganismo. Realmente no espaço literário pessoano algumas naturezas (Caeiro, Campos, Reis, Mora e o próprio Pessoa) se complementam reciprocamente e constituem uma obra em conjunto. Neste novo espaço mitológico criado por Pessoa, o próprio criador, torna-se também criatura literária, pois Pessoa, como vimos, se coloca como discípulo de Caeiro. No centro do seu espaço artístico se encontra o Mestre Caeiro e à sua volta e em diálogo com este, Pessoa, Campos, Mora e Reis.

Outro ponto de contato, em relação ao texto *Conversa sobre a Poesia*, aqui em questão, de F. Schlegel e a obra de Pessoa é que ambos refletem sobre a obra de Homero. É interessante observar que na *Conversa sobre Poesia*, a obra de Homero representa o início de toda poesia:

No florescimento da poesia homérica vemos como que o surgimento de toda poesia; as raízes, porém, se esquivam ao olhar, e as flores e os ramos da planta surgem incompreensivelmente belos na noite da Antiguidade. Esse caos formado encantadoramente é o germe de que se organizou o mundo da poesia antiga (SCHLEGEL, s/d, p. 8).

Nos poemas de Homero os deuses e os homens se encontram em harmonia, pertencem a um mesmo mundo, nada está cindido, razão e emoção, crença e verdade, os deuses apenas habitam outra esfera da realidade, mas fazem parte da mesma realidade dos homens, porém possuem atributos diferentes. Por isso, é tão natural eles lutarem ao lado dos homens, quando esse ato se faz necessário. A mitologia na obra de Homero marca o início da poesia, segundo F. Schlegel, uma poesia cujo centro é a mitologia.

Na biblioteca pessoal de Fernando Pessoa, encontramos o livro *Myths of Greece and Rome*, que foi lido pelo autor português: as marcas deixadas ao longo do texto comprovam essa leitura. Numa passagem deste livro assinalada por Pessoa, vemos: *The poems of Homer were, as will presently be seen, the great medium through which the popular religion of Greece was fixed* (HARRISON, 1927. p. 10). Deste trecho podemos deduzir que se, por um lado, a poesia de Homero se faz a partir da mitologia, por outro lado, é também a sua poesia que irá fixar a religião popular grega. Temos então um sistema de retroalimentação: se a poesia começa com Homero, ela consolida o paganismo grego. A leitura deste livro por Pessoa revela seu interesse pela mitologia, interesse que irá transbordar na poesia de Caeiro e nas reflexões desta mesma poesia realizadas por Ricardo Reis e António Mora. E a questão do

paganismo na obra de Pessoa terá como centro a obra de Caeiro, como já vimos, sendo comentada e construída também por Campos:

O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, o António Mora é um pagão, eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro. Mas o Ricardo Reis é um pagão por carácter, o António Mora é um pagão por inteligência, eu sou um pagão por revolta, isto é, por temperamento. Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação (CAMPOS, 1997, 42).

Caeiro seria o próprio paganismo. Essa passagem revela não somente a importância de Caeiro no projeto pessoano de reconstrução do paganismo, como também a questão da sinfilosofia, da sinpoesia e da mitologia propostas por F. Schlegel. Ou seja, é no espaço mitológico/literário, que o paganismo acontece. Esse texto de Campos faz parte de um projeto de um livro intitulado *Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro*. A autoria ficou a cargo do heterônimo Álvaro de Campos e nos fragmentos deste projeto, Campos discorre sobre a importância que Caeiro exerceu na literatura e no pensamento do próprio Campos, do Reis, do Mora e ironicamente (outro traço romântico) do Pessoa. Através da sua construção literária, Pessoa vai tecendo a sua nova mitologia, que como queriam os primeiros românticos, tem como fonte de inspiração a mitologia grega.

Pessoa, que se achava um homem de gênio, se converteu em toda uma literatura, recriou no seu espaço literário a fragmentação do homem moderno, sem Deus, sem uma firme essência interior, contando apenas com a ficção, com uma nova mitologia, com a obra de arte, com toda uma literatura. Deu vida aos seus de espírito, criou mitos e uma nova mitologia, como F. Schlegel propôs. Pessoa com seu traço de genialidade, transformou a literatura de toda uma época:

Com uma tal falta de litteratura, como ha hoje, que pode um homem de genio fazer, se não converter-se, elle só, em toda uma litteratura? Com uma tal falta de gente coexistivel, como ha hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer, se não inventar os seus amigos, ou, quando menos, os seus companheiros de espirito?

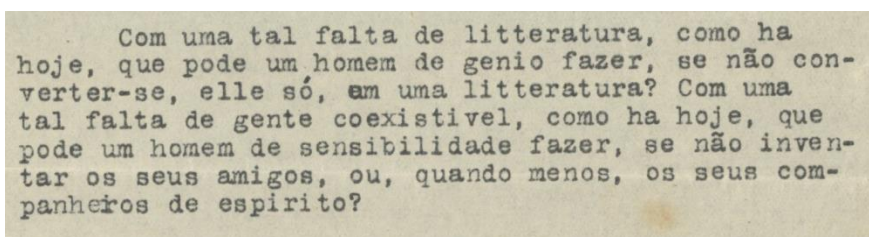


Figura 4 – Acervo Biblioteca Nacional de Portugal [BNP/E3- 20-72].

Fernando Pessoa: creator of myths

ABSTRACT:

In this article we intend to compare the literary creative process in the work of Fernando Pessoa with the idea of a new mythology presented by F. Schlegel in *Dialogue on Poetry*. Through the analysis of texts left by Fernando Pessoa in his

archive, the poetry of Caeiro and the texts of Ricardo Reis about the work of Caeiro, we will show how part of Pessoa's work accomplishes some of the intentions of German romanticism.

Keywords: Fernando Pessoa. Friedrich Schlegel. Mythology. German romanticism

Notas explicativas

* Pós-doutoranda do Departamento de Filosofia da USP.

ⁱ Utilizaremos aqui, sempre que necessário, documentos do espólio de Fernando Pessoa, respeitando a ortografia original nas transcrições realizadas. Agradecemos à Biblioteca Nacional de Portugal pela autorização para a publicação dos documentos.

ⁱⁱ Utilizamos como metodologia para analisar a obra de Fernando Pessoa uma distinção entre heterônimos e personalidades literárias. Na tábua bibliográfica pessoana, publicada em 1928 na revista *Presença*, Fernando Pessoa denomina como heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Seguindo o desejo expresso do autor, consideramos as demais personalidades presentes no processo artístico pessoano como personalidades literárias, como é o caso no documento citado de António Mora e Vicente Guedes.

ⁱⁱⁱ Para maiores informações sobre essa questão, consultar o capítulo de livro de nossa autoria, *Estética do desassossego: Fernando Pessoa e o romantismo alemão*, Ed. Unimontes, 2013. pp.101-113.

^{iv} Texto ainda inédito (gentilmente cedido pelos editores/tradutores).

^v O primeiro texto é um rascunho do segundo. É importante ressaltar o jogo criado por Pessoa, no primeiro texto o dia triunfal (dia no qual Pessoa supostamente começa a escrever a poesia de Caeiro, Campos e Reis) seria 13 de Março e no segundo 8 de Março. No livro *O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro*, Ivo Castro revela, através da análise minuciosa dos manuscritos de *O Guardador de Rebanhos*, toda a ficção que envolve o dia triunfal de Fernando Pessoa.

Referências

CAMPOS, Álvaro. *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. 96 p.

HARRISON, Jane. *Myths of Greece and Rome*. London: Ernest Benn, Ltd, 1927. 79 p.

NOVALIS, Friedrich von Hardenberg. *Pólen - Fragmentos, diálogo, monólogo*. Tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Iluminuras, 2009. 103 p.

PESSOA, Fernando. *Crítica – Ensaios, Artigos e Entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. 205 p.

PESSOA, Fernando. *Escritos íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Introdução, organização e notas de António Quadros. Lisboa: Europa-América, 1986. 236 p.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desasocego*. Tomos I e II. Edição de Jerônimo Pizarro. Lisboa INCM, 2010. 605 p.

PESSOA, Fernando. *O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro*. Apresentação, textos e notas de Ivo Castro. Lisboa: Dom Quixote, 1986. 177 p.

-
- PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966. 188 p.
- PESSOA, Fernando. *The Transformation Book or Book of Tasks*. Edition, Notes and Introduction by Nuno Ribeiro and Cláudia Souza. New York: Contra Mundum Press, 2014. 512 p.
- SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre a poesia*. Tradução de Márcio Suzuki e Constantino Luz. Tradução ainda inédita (texto cedido gentilmente pelos editores/tradutores).
- SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997. 253 p.
- SOUZA, Cláudia. *A Estética do Desassossego: Fernando Pessoa e o romantismo alemão*. In: Osmar Oliva. (Org.). *Literatura, Vazio e Danação*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2013, v. 01, pp. 101-113. 302 p.
- SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico – crítica e história na filosofia de Friedrich Schlegel*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998. 254 p.

Recebido em: 14 de abril de 2014.

Aprovado em: 23 de março de 2015.